

Maduro visitará Putin na Rússia em meio a crise da Venezuela com a Guiana

Tensão no Caribe

Maduro vai visitar Putin na Rússia em meio à crise da Venezuela com Guiana

Viagem para intensificar cooperação econômica havia sido acertada em outubro, mas ganha novos contornos após campanha chavista pela anexação do Essequibo

CARACAS

O ditador da Venezuela, Nicolás Maduro, vai visitar o presidente da Rússia, Vladimir Putin, em meio à disputa da região do Essequibo com a Guiana. A visita havia sido acertada em outubro, antes do plebiscito sobre a anexação do território, mas ganhou importância ainda maior após a votação. O encontro com Putin deve acontecer nos próximos dias, segundo o governo russo.

Quando a visita foi costurada, a ideia era intensificar a cooperação entre os dois países e os investimentos russos na Venezuela, especialmente ligados à exploração de petróleo, de acordo com o vice-primeiro-ministro da Rússia, Alexander Novak.

“Esses esforços são especialmente importantes no contexto das tentativas dos países ocidentais de usar a demanda por recursos energéticos como um instrumento de pressão política”, disse Novak, durante reunião com representantes venezuelanos em Moscou, dia 16 de outubro. Quatro dias depois, a Venezuela marcou o plebiscito sobre o Essequibo.

Agora, com o aumento das tensões na região, a viagem sinaliza uma aliança cada vez mais forte entre Maduro e Putin, enquanto a Guiana recorre aos EUA e a outros aliados sul-americanos para defender seu território, rico em petróleo e recursos naturais.

SIMBIOSE. Rússia e Venezuela estão entre os maiores produtores de petróleo do mundo. O interesse russo em aprofundar os laços com o governo venezuelano acontece no momento em que o regime de Putin é submetido a duras sanções internacionais em razão da invasão da Ucrânia. Candidato ao quinto mandato na eleição presidencial de março de 2024, ele busca formas de romper esse isolamento diplomático.

A Venezuela também sofre com as sanções americanas, embora elas tenham sido temporariamente suspensas em outubro, após um acordo entre o regime chavista e a oposição para a realização de eleições presidenciais mais transparentes, em 2024.



Cachoeira de Kaieteur, no Rio Potaro, uma das paisagens mais conhecidas do Essequibo, região da Guiana reivindicada pela Venezuela

TERRITÓRIO EM DISPUTA

Venezuela busca anexar Essequibo, região onde a descoberta de petróleo bruto fez a economia da Guiana crescer 62% em 2022



litamente por causa da concentração de tropas na Ucrânia. “É algo que precisa ser considerado quando se pensa no conflito por todas as partes”, disse o analista em segurança internacional Gunther Rudzitz, professor da ESPM, em entrevista ao Estadão.

RIQUEZA. A disputa pelo Essequibo sobrevive desde o século 19, sendo resgatada de maneira bissexta pelos governos mais nacionalistas da Venezuela. A crise atual se agravou em 2015, quando a americana ExxonMobil encontrou no território 11 bilhões de barris em reservas recuperáveis. Com isso, a Guiana, um país de apenas 800 mil habitantes, se tornou de um dia para o outro o maior produtor per capita do mundo.

Em 2014, um ano antes da descoberta do petróleo, a Guiana tinha uma renda per capita de US\$ 5,4 mil, menor que a venezuelana, que era de US\$ 7,1 mil. Hoje, quase dez anos depois, a renda per capita guianense é 17 vezes maior que a da Venezuela – US\$ 20,5 mil ante US\$ 3,5 mil. Segundo o FMI, o PIB da Guiana cresceu assustadores 62,3%, em 2022, e deve aumentar 38,4% este ano.

Para evitar que Maduro atralhe a boa fase, o presidente da Guiana, Mohamed Irfaan Ali, buscou proteção dos EUA. Na quinta-feira, os dois países realizaram exercícios militares aéreos em conjunto na região do Essequibo, segundo in-

formou o Departamento de Estado. Maduro considerou o apoio uma ameaça.

“Exercícios militares não eram realizados com a Guiana”, disse o diretor do instituto de segurança Cetris e professor da National Defense University, Salvador Raza. “Mas, neste momento, eles carregam uma mensagem da presença americana, do alinhamento de interesses e da determinação dos EUA em ajudar na segurança da Guiana.”

Desequilíbrio As Forças Armadas da Guiana são inferiores às da Venezuela, em pessoal e em equipamentos

Sozinhas, as Forças Armadas guianenses são inferiores às da Venezuela, tanto em pessoal quanto em equipamentos. O país conta com apenas 3,4 mil soldados, dos quais metade estão em funções na segurança pública. Os equipamentos militares também são escassos. São seis blindados brasileiros Cascavel-EE9, fabricados pela extinta Engesa, em 1984.

A Venezuela tem 123 mil militares na ativa, mais 220 mil paramilitares e equipamentos russos e chineses. O país conta ainda com 514 blindados, 545 peças de artilharia, 25 barcos de patrulha e 118 helicópteros, além de 40 caças e 440 canhões antiaéreos. ● AP e EFE

Putin confirma que concorrerá ao quinto mandato em 2024

Vladimir Putin anunciou ontem que buscará outro mandato como presidente da Rússia na eleição marcada para 17 de março de 2024, iniciando uma campanha que deve resultar em mais uma vitória. Com a guerra

na Ucrânia como pano de fundo, o anúncio foi carregado de simbolismo.

Segundo a Tass, agência de notícias estatal, ele fez o anúncio durante uma premiação militar no Kremlin, respondendo a uma pergunta de Artyom Zhoga, oficial russo de Donetsk, cidade no leste da Ucrânia. “Sim, vou concorrer à presidência da Rússia”, afirmou. ● RPT

A viagem de Maduro em um momento crucial da crise demonstra que o ditador venezuelano pretende buscar alia-

dos em países rivais dos EUA. Analistas avaliam, no entanto, que a Rússia tem poucas condições de auxiliar a Venezuela mi-

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Internacional Caderno: A Pagina: 18